

Apresentação

A *Revista de Antropologia* completa neste número seus 40 anos de existência. Idealizada pelo professor Egon Schaden e editada com o apoio do então diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, professor Eurípedes Simões de Paula, constitui-se no primeiro periódico especializado em Antropologia publicado no Brasil. Essas quatro décadas não transcorreram, no entanto, sem tropeços: tendo sido concebida inicialmente como uma publicação semestral, em virtude das dificuldades financeiras foi-se tornando progressivamente uma revista anual; ainda assim, foi obrigada a condensar os seis anos seguintes em dois volumes, deixou de circular em 1972 e só retornou em 1978, quando passou a ser uma publicação do Departamento de Antropologia da USP. Assim, atrasos, interrupções e pequenos renascimentos marcaram sua atormentada carreira.

Apesar dos tropeços editoriais, típicos da maneira artesanal e amadora que até hoje caracteriza a produção de grande parte das publicações científicas do país, a *Revista de Antropologia* alcançou uma longevidade que a torna singular. Com efeito, vistos em seu conjunto, esses trinta e seis volumes constituem um interessante registro de uma época. Pelo menos três gerações de pesquisadores deixaram em suas páginas as marcas de sua formação; as duas centenas de artigos que a revista publicou nos dão uma boa visão dos temas e problemas que ocuparam

esses estudiosos ao longo desse período. E mais do que isso: um olhar cuidadoso que percorresse transversalmente essa série perceberia o modo como o campo antropológico foi progressivamente se institucionalizando no país. Não nos parece portanto excessivo afirmar que a *Revista de Antropologia* constitui um conjunto documental importante para os estudiosos que hoje procuram fazer uma história de nossa disciplina. Sem pretendemos substituí-los, gostaríamos de aproveitar esta data para celebrarmos rapidamente as características mais marcantes de sua trajetória.

Se nos arriscássemos a definir referências temporais que pudessem caracterizar a história da *Revista de Antropologia*, seria válido dizer que ela entra hoje na sua terceira fase. A primeira, que poderíamos chamar de a “fase heróica”, representa o período dos fundadores; a segunda se inicia em 1978, quando se torna publicação do setor de Antropologia da Faculdade de Filosofia; a terceira é a fase atual, inaugurada há três anos, quando o Conselho Departamental nomeou uma nova Comissão Editorial.

Embora se possa questionar o significado desses marcos temporais, já que eles respondem mais a injunções institucionais do que à motivação própria da pesquisa, ainda assim nos parece que, sobretudo os primeiros trinta anos da revista, quando vistos em seu conjunto, nos dão uma boa imagem do que era a Antropologia em São Paulo em um momento em que essa disciplina procura institucionalizar-se de uma maneira mais nitidamente acadêmica.

Sem dúvida, a marca pessoal do professor Egon Schaden está, nessas primeiras décadas da revista, muito presente.¹ Sua influência definia a abrangência dos temas pertinentes à área, por um lado, e o leque de interlocutores, por outro. O que nos chama atenção, logo no início, quando se folheia um a um os volumes dessa fase, é a grande quantidade de colaboradores de outras áreas do conhecimento (em particular da biologia, da genética e da lingüística) que escreveram nos primeiros dez anos da revista. Certamente essa colaboração recorrente de espe-

cialistas das áreas biomédicas e de lingüistas expressa o perfil da área, que então se caracterizava por uma forte preocupação temática pelo problema das raças e das línguas. Com efeito, a centralidade do problema da raça na reflexão antropológica de então era uma tendência que também podia ser percebida na formação do antropólogo. Quando o ensino de Antropologia foi instituído na Faculdade de Filosofia, em 1941, como parte dos currículos dos cursos de Ciências Sociais e de História e Geografia, dava-se grande ênfase, sobretudo no segundo caso, à Antropologia Física. Em um artigo para o segundo volume da revista, o professor Schaden salienta a importância, para a formação do sociólogo, da “compreensão das bases biológicas da vida em sociedade”. Essa percepção da Antropologia como ciência que se dedica à “compreensão científica da natureza humana” leva o professor Schaden a conceber a atividade didática como o resultado da colaboração conjunta de disciplinas afins: paleontologia, genética, estatística etc.

Mas não é apenas a colaboração de diversas áreas temáticas que caracteriza, nesse momento, a revista. Pode-se notar também, por outro lado, uma marcada presença de autores estrangeiros, em particular da Alemanha. Eles representam um interessante retrato do modo como se constituiu a rede de relações institucionais e pessoais do professor Schaden. A marca da tradição etnológica alemã é expressiva, por razões óbvias. Mas, para além da formação pessoal do professor Schaden, são os temas da arqueologia e da etnologia que trazem para a revista pesquisadores interessados nas realidades indígenas da América Latina. Entre eles há alemães, latino-americanos e, excepcionalmente em 66, pesquisadores norte-americanos ligados ao Summer Institute of Linguistics.

É interessante notar ainda que a revista abre também algum espaço para estudos sobre regiões do mundo bem diversificadas: há artigos sobre Portugal, África, Malásia. Essa amplitude no leque das culturas estudadas pode ser interpretada de várias maneiras. A mais trivial perceberia nela a marca do espírito humanista do professor Schaden, que

buscava compreender a condição universal do homem em todas as suas manifestações culturais. A nosso ver, pode também ser compreendida como um traço característico da antropologia dos países centrais, que tende a se voltar primordialmente para o estudo das culturas não européias. Em contraposição a ela, percebe-se que os autores nacionais que escrevem na revista dedicam-se, na sua maioria, a temas brasileiros. Mas, por outro lado, a forte presença de autores estrangeiros, aliada a essa amplitude geográfica das temáticas, pode também ser um indício da imaturidade da antropologia brasileira daquele período. É claro que, desde o início, além da contribuição regular do próprio Schaden, pesquisadores reconhecidos, tais como Florestan Fernandes, Maria Isaura P. de Queiroz, Antonio Candido, Renê Ribeiro, Eduardo Galvão, entre outros, publicam esporadicamente seus artigos. No entanto, se considerarmos os dez primeiros anos da revista, perceberemos uma nítida divisão de trabalho intelectual, no qual os autores estrangeiros se dedicam principalmente ao Brasil indígena, enquanto os brasileiros, a fenômenos culturais do Brasil urbano (ou camponês), bem como a balanços teóricos de autores e temas. Essa divisão pode ser um indício de que nossas gerações de etnólogos ainda estavam em formação. Além disso, até o início da década de 60, é nítida a necessidade da colaboração de pesquisadores estrangeiros, com formação e interesses variados, para a manutenção da revista. Até 1964 eles representam mais de 50% dos artigos publicados. Em contrapartida, quanto mais nos aproximamos da década seguinte, nota-se uma tendência inversa: maior presença de colaboradores brasileiros, inclusive nos temas etnológicos, que permanecem uma forte orientação da revista, ganhando espaço com relação à Antropologia Física e à Arqueologia; maior concentração de estudiosos com formação em ciências sociais e inclusão de outras instituições brasileiras no rol dos colaboradores.

Parece-me que essa inversão pode ser em parte explicada pelo modo como se deu a institucionalização acadêmica da Antropologia. Desde o início, o ensino de Antropologia era uma preocupação de Schaden

e dos pesquisadores docentes do Departamento. No balanço que as professoras Eunice Durhan e Ruth Cardoso fazem no nº 9 da revista, as dificuldades de então ficam bem evidentes. As autoras mostram que, apesar do país já contar com 54 estabelecimentos de ensino superior que lecionam a matéria, os cursos não se destinavam a formar antropólogos, mas a completar, de maneira marginal, a formação de especialistas em outros campos. Na verdade, os melhores antropólogos eram então, segundo as autoras, autodidatas; a *Revista de Antropologia* reflete pois, naquele momento, a fragilidade do processo de institucionalização do ensino e da pesquisa nesse campo.

Para além dessa preocupação com a formação de pesquisadores, a revista, desde seu início, constituiu-se num instrumento de articulação institucional das pesquisas em andamento no Brasil. Em 1956 ela torna-se a publicação oficial da recém-fundada Associação Brasileira de Antropologia. Passa-se, então, a relacionar em cada número os participantes e os temas tratados em suas reuniões anuais. A partir de 1954 o mesmo acontece com relação aos Congressos de Sociologia, de cuja Sociedade se tornará órgão oficial, de 1959 a 1968. Além disso, a revista informa regularmente as pesquisas em andamento em outros Estados e instituições, os programas dos congressos que interessam à área, tal como o Congresso Internacional de Americanistas, e acompanha a criação de institutos de pesquisa de arqueologia, etnologia ou antropologia social no país. Um acompanhamento detalhado desses informes nos daria, certamente, uma visão global da história da disciplina no país.

Não podemos aquilatar o alcance e a influência que a *Revista de Antropologia* teve, nessa primeira fase, sobre o mundo da pesquisa. Certamente, para além dos círculos muito especializados, seu público de leitores deveria ser bastante acanhado. Cabe ressaltar, no entanto, o empenho do professor Schaden em permutar a revista com instituições internacionais, a ponto de podermos supor, que é uma publicação mais conhecida no exterior do que no país. Foi somente na década de 70 que, como se sabe, o circuito universitário se expandiu signifi-

cativamente. Mas foi também o momento em que a circulação da *Revista de Antropologia* se interrompeu. Sua retomada, em 1978, encontra um meio intelectual maduro, composto de um extenso e diversificado corpo de pesquisadores. No ano seguinte, em 1979, o professor João Batista Borges Pereira assume a responsabilidade editorial da revista e permanece à sua frente até 1990.

Será preciso esperar mais algumas décadas para que se possa olhar com certa objetividade essa história recente da revista. No entanto, pode-se desde já dizer que, no que se refere à sua produção, ela teve de enfrentar grande parte das dificuldades que caracterizaram os “tempos heróicos”. Com o agravante que os tempos de hoje já não são mais complacentes com o artesanato intelectual. Para superar estas dificuldades será preciso, pois, profissionalizar, por um lado, todas as fases da produção da revista, da preparação dos originais à distribuição; e poder contar, por outro, com uma comunidade acadêmica exigente e crítica, disposta a colaborar com seu trabalho e reflexão para o desenvolvimento de nossa disciplina. Só assim poderemos ter esperança de repetir, talvez, o feito dos fundadores: atravessar pelo menos mais um quarto de século e legar aos nossos sucessores uma revista séria, estimulante e atual.

Paula Montero
Editora Responsável

Nota

- 1 Agradeço à professora Mariza Corrêa por me ter cedido o levantamento do pesquisador José Augusto Laranjeiras Sampaio, que fichou os primeiros 20 números da *Revista de Antropologia*. Recorri em parte a esse trabalho para tecer estes breves comentários.